

Wanderley Carvalho

PROLEGÔMENOS

Dessoma. Em meados de 2019, foi lançado o livro *Dessoma: novas abordagens para o estudo da morte*, uma iniciativa do *Colégio Invisível da Dessomatologia* (CID), atendendo a importante demanda no âmbito editorial conscienciológico.

Escopo. A obra tem como fim precípua prestar esclarecimento quanto ao real significado da morte biológica a partir do rompimento do mito que a identifica com o fim da existência.

Leitor. A publicação destina-se a todo e qualquer interessado, seja ele estudioso da Conscienciologia ou não.

Convite. Com perfil destinado a atingir público tão amplo, o livro pode atuar ao modo de porta de entrada ao estudo da dessoma e de outros temas de interesse da Conscienciologia. Pode, também, funcionar como convite para a conquista de conhecimento mais aprofundado a respeito desses mesmos assuntos.

Autoria. Trata-se de gescon grupal, para a qual contribuíram 21 autores e autorandos (14 ginossomas e 7 androssomas). Destes, 17 eram membros do CID e 4 foram convidados (Ano base: 2018). Os capítulos são monautorais, porém há autores que respondem por mais de um capítulo.

Organização. Atuaram como organizadores da obra a equipe gestora do CID (1 coordenadora e 2 assessoras) e o autor deste artigo.

Demandas. A realidade descortinada apontou a necessidade de uma gestão ampla da obra, do processo de sua elaboração e do grupo de autores e autorandos que dela participariam.

Papéis. Diante disso, coube a este autor realizar as funções de preceptoría formal e revisão textual, ficando o grupo gestor do Colégio incumbido de administrar a atuação dos autores e autorandos e intermediar as ponderações do preceptor junto a estes, quando o foco fosse a obra em seu conjunto.

Simultaneidade. Dadas as particularidades da situação, os trabalhos de preceptoría e revisão textual foram realizados simultaneamente de modo interdependente, muito embora sejam aqui apresentados e descritos em separado.

Motivação. O autor deste artigo foi movido a redigi-lo em virtude dos benefícios evolutivos identificados durante sua atuação como preceptor-revisor na publicação coletiva acima mencionada. Além disso, entende-se que o relato aqui contido possa inspirar e subsidiar iniciativas semelhantes no âmbito da comunidade conscienciológica.

Autovivência. O presente artigo versa sobre a vivência experimentada por este autor. Isto posto, recomenda-se ao leitor(a) que empregue o *Princípio da Descrença*: “*não acredite em nada, nem mesmo no que estiver escrito neste artigo, tenha suas próprias experiências*”.

I – AÇÃO

PRECEPTORIA

Conceito. No âmbito conscienciológico, a preceptoria autoral consiste no “suporte técnico e interassistencial prestado pelos autores, especialistas na área de *Conscienciografologia*, ou escrita conscienciológica, a outros autores e autorandos, com o objetivo de qualificar a gescon, ou gestação consciencial em andamento, a partir do acolhimento, orientação, encaminhamento e acompanhamento autoral” (Tornieri, 2017, p. 4-5).

Parte-todo. Em se tratando de livros, é preciso considerar que, enquanto as obras publicadas são facilmente entendidas como um conjunto articulado de suas partes constituintes, os capítulos, quando considerados individualmente, acumulam também o caráter do todo.

Destaque. Em gescon multiautoral, essa dupla condição desempenhada pelos capítulos assume contornos mais evidentes, demandando assessoria grafopensênica também em nível dessas unidades textuais, a fim de que elas apresentem *confor* que ofereça à obra aquilo que delas se espera.

Visão. Além disso, autores e autorandos precisam adquirir visão de conjunto da obra e reconhecer o papel desempenhado pelo(s) texto(s) de sua autoria nesse conjunto.

Desdobramento. Diante disso, definiu-se que a preceptoria atuaria em duas frentes, dispostas na ordem funcional:

1. **Junto à equipe gestora do CID.**
2. **Junto aos autores e autorandos.**

Polinômio. Em ambas as frentes, procurou-se contemplar o *polinômio assistencial autoral*, composto de 4 fases, propostas por Tornieri (2017, p. 5), dispostas em ordem sequencial de execução:

1. **Acolhimento autoral.**
2. **Orientação autoral.**
3. **Encaminhamento autoral.**
4. **Acompanhamento ou *follow-up* autoral.**

I. ACOLHIMENTO AUTURAL

Conceito. “O *acolhimento autoral* é o ato de o preceptor conscienciográfico receber o autorando e seu projeto de gescon ou obra em andamento, a partir de clima consciencial harmônico e de confiança, a fim de ambos atingirem seus objetivos interassistenciais” (Tornieri, 2017, p. 5).

Apresentação. Como na ocasião este autor ainda não era membro do CID, foi necessário que a coordenação do Colégio o apresentasse como responsável pelos trabalhos de preceptoria e revisão. A primeira etapa da preceptoria deu-se, portanto, somente após a apresentação dele.

Ad hoc. A condição de não-membro fez com que o preceptor/revisor atuasse como *ad hoc*.

1.1 ACOLHIMENTO DA EQUIPE GESTORA

Descontração. O acolhimento da equipe gestora foi marcado por clima de envolvimento com a proposta de gescon grupal, dúvidas de caráter operacional e, ao mesmo tempo, descontração.

Entrevista. O agora preceptor aproveitou a ocasião para questionar a equipe quanto ao escopo, público-alvo e perfil geral da obra.

Perfil. Definidos o escopo e o público-alvo, os organizadores (equipe gestora + preceptor) estipularam os seguintes 5 atributos principais, listados a seguir em ordem alfanumérica, como perfil a ser assumido pela publicação:

1. **Categorias de textos:** conceitos fundamentais em Conscienciologia / Dossoma e relatos de experiência.
2. **Linguagem:** acessível com emprego parcimonioso da terminologia conscienciológica.
3. **Organização:** sequenciação encadeada e hierarquizada dos assuntos e dos conceitos a eles atrelados.
4. **Priorização:** assuntos resultantes de autopesquisa e/ou autovivência.
5. **Rigor conceitual.**

1.2. ACOLHIMENTO DOS AUTORES E AUTORANDOS

Proposta. Como o preceptor já havia sido apresentado, esta etapa foi marcada por uma apresentação da proposta de gescon coletiva e seu respectivo perfil, seguida de convite para que os interessados, qualquer que fosse a sua experiência com escrita, enviassem seus textos.

Disponibilidade. Na ocasião, o preceptor disponibilizou-se para auxiliar autores e autorandos no que fosse necessário e abriu canal de atendimento via *e-mail* para recebimento de originais e orientação.

Coordenação. Cumpre destacar o importante papel desempenhado pela coordenação do Colégio na condução desta etapa.

2. ORIENTAÇÃO AUTORAL

Conceito. “A *orientação autoral* é a técnica grafointerassistencial de o preceptor ou preceptora atuar ao modo de agente facilitador(a) da escrita conscienciológica, identificando lacunas cognitivas ou estilísticas, a fim de indicar grafotécnicas específicas para cada fase ou etapa da obra, ou conforme as necessidades do autorando” (Tornieri, 2017, p. 6).

2.1. ORIENTAÇÃO DA EQUIPE GESTORA

Trinômio. Nesta fase, o preceptor empenhou-se no sentido de pautar-se pelo trinômio *saber ouvir–saber anotar–saber falar* (Vieira, 2012, verbete *Interlocução*).

Plano. A grande necessidade identificada para esse momento do trabalho de preceptoría foi a elaboração do plano da obra que, nessa primeira versão, definiu 5 tópicos a serem contemplados, listados na ordem funcional:

01. **Prefácio:** elaborado por um convidado externo ao CID.

02. **Apresentação:** sob responsabilidade de um voluntário do CID.

03. **Parte 1:** composta por textos que abordam as bases conceituais da Conscienciologia voltadas a uma compreensão ampliada do fenômeno da dessoria.

04. **Parte 2:** contendo textos correspondentes a relatos de experiências pessoais, a título de ilustrar boa parte da teoria apresentada na Parte 1.

05. **Elementos pós-textuais:** glossário; índice geográfico; índice onomástico; índice remissivo.

Conteúdo. Paralelamente, a coordenação iniciou, junto aos potenciais autores, um trabalho de definição dos assuntos sobre os quais versariam os capítulos que comporiam a obra e de quem seriam os responsáveis pela redação dos textos.

2.2. ORIENTAÇÃO DE AUTORES E AUTORANDOS

Leitura. Com o envio dos primeiros esboços de textos por parte de autores e autorandos, a preceptoría passou a se caracterizar pela leitura e apreciação textuais, no sentido de identificar lacunas ou equívocos estilísticos e conceituais.

Orientação. O trabalho apreciativo acima mencionado deu início ao de orientação personalizada.

Devolutiva. As considerações a respeito dos textos apreciados foram apresentadas aos autores e autorandos da maneira mais empática, respeitosa e acolhedora possível.

Sugestão. No corpo da mensagem que encaminhava o arquivo com a respectiva apreciação, o(a) autor(a) era informado(a) de que toda e qualquer alteração ou observação da parte do preceptor deveria ser entendida apenas como sugestão. Como autor(a) do texto, caberia a ele(a) decidir como queria ver publicado o próprio trabalho, exceto naquilo que correspondesse aos padrões estabelecidos pelos organizadores da obra.

Escultura. Adicionalmente, o(a) autor(a) era orientado(a) a considerar seu texto como uma escultura de barro, em que as remodelagens são sempre possíveis até que a obra seja considerada concluída.

Pares. Em convergência com a orientação prestada pelo preceptor, a coordenação do Colégio disponibilizou, no âmbito das reuniões *on-line* semanais, momentos para que os autores e autorandos apresentassem o tema e o conteúdo geral dos capítulos sob sua responsabilidade e recebessem contribuições de seus pares que, adicionalmente, tomaram conhecimento da obra em seu conjunto.

Mapa. De posse do material recebido, avaliado e das devolutivas oferecidas, foi possível elaborar, juntamente com a coordenação, a primeira versão do mapa da obra, um grande facilitador da gestão da mesma (anexo I).

3. ENCAMINHAMENTO AUTORAL

Conceito. “O *encaminhamento autoral* é a técnica grafointerassistencial de o preceptor identificar, em conjunto com o autorando, qual o próximo passo na escrita da gescon” (Tornieri, 2017, p. 8).

3.1. ENCAMINHAMENTO DA EQUIPE GESTORA

Reformulação. Fatos e parafatos ocorridos ao longo do trabalho realizado até esse momento indicaram a necessidade de revisitar o plano da obra e promover os ajustes necessários.

Bússola. Na qualidade de instrumento norteador da escrita de um livro e fruto do planejamento processual, o plano da obra é “susceptível a mudanças e reformulações, em função de fatos e parafatos, ao longo das pesquisas e da elaboração textual” (Arakaki; Daou, 2012, p. 108).

Atualização. Mudanças no plano implicaram atualização do mapa da obra.

3.2. ENCAMINHAMENTO DE AUTORES E AUTORANDOS

Continuidade. Nesta etapa, foi dado prosseguimento aos trabalhos de apreciação textual e orientação personalizada iniciados na fase anterior, visando à identificação do próximo passo a ser dado na escrita de cada texto.

Acolhimento. Também nesta fase, os autores e autorandos foram tratados com acolhimento, respeito e empatia.

4. ACOMPANHAMENTO AUTORAL

Conceito. “O *acompanhamento autoral* é o ato de o preceptor autoral fazer o *follow-up* ou agendar novos encontros com o autorando, conforme demonstração de interesse, a fim de verificar o andamento da obra e as mudanças ainda necessárias (Tornieri, 2017, p. 9).

4.1. ACOMPANHAMENTO DA EQUIPE GESTORA

Ajustes. Com base em novos fatos e parafatos, deu-se prosseguimento à reformulação do plano e do mapa da obra, tarefa que perdurou até o envio dos originais para a editora.

Tom. A esta altura, já era possível identificar o tom ou personalidade da gescon, mesmo estando ainda inacabada.

4.2. ACOMPANHAMENTO DOS AUTORES E AUTORANDOS

Conclusão. Nesta fase final, o preceptor dirigiu seus esforços no sentido de que autores e autorandos concluíssem seus respectivos textos.

Tratamento. Manteve-se aqui o tratamento respeitoso acolhedor e empático dispensado nas fases anteriores.

Sigilo. O conteúdo das devolutivas, orientações e assuntos tratados no transcurso do trabalho foram mantidos em absoluto sigilo por parte do preceptor.

Síntese. A Tabela 1 sumariza as ações implementadas em cada fase da preceptoria para cada grupo atendido.

Tabela 1 – Síntese das ações implementadas ao longo da preceptoria

Fase	Equipe gestora	Autores e autorandos
1.Acolhimento autoral	Entrevista para conhecimento e refinamento de escopo, público e perfil geral da obra.	Apresentação da proposta de gescon grupal e convite para envio de textos.
2.Orientação autoral	Elaboração do plano básico da obra. Elaboração do mapa da obra (1ª versão).	Leitura e revisão dos textos enviados, acompanhado de orientações.
3.Encaminhamento autoral	Revisão do plano da obra, acompanhada de ajustes. Reelaboração do mapa da obra.	Definição dos próximos passos da escrita.
4.Acompanhamento autoral	Revisão do plano da obra, acompanhada de ajustes, até envio dos originais para a editora. Reelaboração do mapa da obra até a conclusão.	Definição dos passos finais da escrita, até a conclusão dos capítulos.

Concomitância. Considerando que a definição de temas e conteúdos, assim como o envio de textos para apreciação deu-se ao longo de todo o período da preceptoria, houve vários momentos em que duas ou mais das etapas acima descritas aconteceram concomitantemente, dependendo do estágio em que se encontrava o material escrito.

Tares. O propósito maior de uma gescon é a *tarefa do esclarecimento* e, como decorrência, o mesmo pode ser dito a respeito do trabalho de preceptoria. Assim, o preceptor manteve o foco na assistência, buscando a manutenção da pensividade sadia.

REVISÃO

Indissociabilidade. A revisão textual é componente indissociável do processo de produção escrita e requer, por parte do revisor, “detalhismo, rigor e atenção” (Ribeiro, 2011, p. 69).

Interdependência. Reforça-se aqui a informação de que a revisão de texto foi realizada concomitante e interdependentemente à preceptoria.

Proéxis. Para a condução do referido trabalho, partiu-se do pressuposto de que, em se tratando de produção conscienciológica, “revisar é cooperar com a proéxis do outro” (Ribeiro, 2011, p. 78).

Acolhimento. Dessa forma, a opção recaiu pela *revisão textual acolhedora*, que é “o ato *comunicativo* de analisar ou considerar atenta, minuciosa, respeitosa, generosa e compreensivamente um texto, levando em conta os aspectos multidimensionais tanto quanto possível, proporcionando segurança e amparo ao autor, e buscando contribuir fraternalmente para potencializar os efeitos assistenciais da gescon em análise, ao apontar ajustes, equívocos, erros e omissões” (Ribeiro, 2011, p. 78).

Confor. Inconsistências de conteúdo (coesão, coerência, ordem, nível de aprofundamento, entre outros) e da forma (idioma, grafia, pontuação, precisão das palavras utilizadas e estilo empregado, por exemplo) foram revisados em conjunto.

Especificidade. Textos teóricos e relatos de experiência possuem propósitos e atributos distintos, implicando olhar também diferenciado no trabalho de revisão. No caso aqui relatado, especial atenção foi dedicada a essa particularidade, principalmente no tocante ao estilo.

Estilo. Em se tratando de obra multiautoral, coube ao revisor a tarefa adicional de uniformizar a linguagem, sem comprometer o estilo de cada autor ou autorando.

Empatia. O perfil assumido pela gescon em pauta, especialmente quanto ao público leitor, exigiu que o caráter empático que acompanhou todo o trabalho de revisão se desdobrasse com vistas a identificar 2 especificidades indicadas por Ribeiro (2011, p. 78), dispostas na ordem alfabética:

1. **Intenção autoral:** o que o autor quis dizer.
2. **Olhar do leitor:** o que possivelmente será compreendido.

Feedbacks. Em consonância com a linha acolhedora adotada, as considerações relativas aos textos revisados foram apresentadas aos autores e autorandos em clima de isenção, respeito, confiança e estímulo. O trabalho foi realizado a distância, com envio de documento eletrônico por *e-mail*, sempre atento ao fundamental sigilo.

Pensene. Ao longo de toda a sua atuação, o revisor procurou manter a pensenidade sadia em relação aos autores e respectivos textos, visando criar e sustentar um campo assistencial condizente com a tarefa assumida.

Energias. Parte considerável das revisões foi realizada em ambiente de natureza exuberante, rico em fitoenergia e energia imanente.

Fluxo. O envio de textos para revisão e de suas versões revisadas deu-se por fluxo contínuo e perdurou até que o original fosse considerado concluído. Em todos os casos, coube ao autor ou autorando realizar a última revisão do próprio texto.

II – REAÇÃO

Adesão. Apesar da pouca ou nula experiência com escrita exibida pela maior parte dos voluntários do CID, houve engajamento quase absoluto por parte desses. Haja vista que, à época, o Colégio contava com 20 membros inscritos, dos quais 18 participavam regularmente das reuniões *online*. Destes, 17 envolveram-se ativamente na produção da obra.

Resistência. Contudo, a despeito da declarada intenção de participar da iniciativa, do efetivo empenho na elaboração do esboço do que poderia vir a ser o sumário da publicação e de todo o apoio anunciado tanto pela coordenação quanto pelo preceptor-revisor, os colaboradores apresentaram clara insegurança e nenhum deles, a princípio, habilitou-se a escrever, independente da experiência exibida.

Travão. O fato acima mencionado é sugestivo de ocorrência, ainda que momentânea, de um quadro conhecido como *travão na escrita*, responsável por “postergações, desvencionismos e desistências quando (...) falta [ao autorando ou autoranda] vontade para identificar e enfrentar esse quadro” (Arakaki, 2014, p. 29).

Fluidez. Não obstante, vencida a inércia por meio de uma atuação marcada pelo estímulo, respeito e acolhimento, e da vontade firme dos colaboradores, os primeiros textos surgiram e o trabalho fluiu de maneira tranquila, com apenas 1 desistência entre as 22 pessoas que se dispuseram a contribuir com ao menos um capítulo para a obra.

Gargalo. Ressalta-se que o abandono da escrita constitui um dos principais gargalos relacionados à volucipatia, fenômeno bastante comum entre autorandos (Arakaki, 2009 *apud* Daou, 2011, p. 55).

Serenidade. A tranquilidade também esteve presente nas apresentações orais submetidas aos demais membros do Colégio, indicando confiança do autor/autorando em si próprio e em seus pares. Superando as expectativas iniciais, as apresentações transcorreram em clima sereno.

Aquiescência. No que tange à preceptoria-revisão, ressalta-se o abertismo e aceitação exibidos pelos colaboradores atendidos diante das devolutivas a eles dirigidas.

Reforço. Tão ou mais significativa que a baixíssima taxa de desistência foi o vivo interesse, exibido por 8 dessas pessoas, em contribuir com capítulo adicional após conclusão do primeiro. Tal fato evidencia o efeito reforçador da grafopensenidade sadia e sua contribuição para a “autoestima intelectual” (Balona, 2010, p. 56).

Celeridade. Merece destaque o intervalo de apenas 6 meses transcorridos entre o início dos trabalhos de construção da obra e o envio dos originais para a editora.

ARGUMENTAÇÕES CONCLUSIVAS

Aprendizagem. A experiência aqui relatada proporcionou a este autor, na qualidade de preceptor-revisor, a aquisição de 7 saberes de diversas categorias, listados em ordem alfabética:

1. **Acessar verpons.**
2. **Atuar com imparcialidade.**
3. **Identificar a terminologia e conceitos conscienciológicos:** na leitura tanto dos textos de apoio quanto dos textos em revisão.
4. **Conhecer as pessoas.**
5. **Praticar assistência.**
6. **Promover o autodesassédio.**
7. **Reconhecer** não só as necessidades, mas os talentos, manifestos ou potenciais, de autores, autorandos e equipe gestora.

Amparo. Se, no âmbito conscienciológico, a escrita é vista como “um ato de interação multidimensional” (Machado, 2016, p. 41) que, se devidamente encaminhado, contará com o apoio de amparadores de função, o mesmo pode ser dito a respeito da preceptoria-revisão e das demais atividades concernentes à elaboração de uma obra. Na construção da gescon grupal aqui abordada, pode-se conjecturar, com considerável margem de certeza, que a equipe contou com sólido e contínuo amparo.

Volição. A experiência descrita neste artigo não teria ocorrido sem a vontade firme e determinada de toda a equipe de colaboradores, especialmente os autores e autorandos. Trata-se, na ótica deste autor, da ocorrência simultânea de duas categorias de volição: a coletiva ou grupal e a conjunta, esta última compartilhada entre a consciência autora e a consciência amparadora (Daou, 2011, p. 51).

Coragem. Vontade é condição primeira, necessária para qualquer iniciativa, mas não é suficiente. Sem a responsabilidade e a coragem para superar trafores, conquistar trafores e fazer o melhor uso de trafores, a consciência pouco ou nada avança para realizar seu intento. É entendimento do autor deste artigo que responsabilidade e coragem, aliadas à vontade decidida, proporcionaram o amparo que permitiu a consecução da obra.

Emergência. Considerada individualmente, cada parte constituinte de um conjunto é, em si, um todo. Quando as partes interagem sinergicamente e se integram, emerge um novo todo. Este, por sua vez, é mais que a soma de suas partes constituintes e pode vir a interagir com outros todos e fazer emergir um todo de nível mais elevado. Cada parte é um. O todo que emerge da integração das partes é um. Assim vemos a equipe formada por consciências intra e extrafísicas que viabilizou a obra coletiva aludida neste texto; assim vemos também a própria obra. Em ambos os casos, da integração de todos se fez um.

Referências

1. **Arakaki, Kátia; Travões na Escrita;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 5; N.5; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 29 e 30.
2. **Arakaki, Kátia; Daou, Dulce; Plano da Obra: Teática do Autor;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 3; N.3; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2012; páginas 108 a 111.
3. **Balona, Malu. Benefícios da Autossuperação dos Travões da Escrita;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 1; N.1; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2010; páginas 55 a 58.
4. **Daou, Dulce; Volucioptia e Autorado Libertário;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 2; N.2; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2011; páginas 50 a 68.
5. **Machado, Cesar Iria; Sinergismo Escritor-Amparador de Função;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 7; N.7; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2016; páginas 41 a 49.
6. **Ribeiro, Luciana; Revisão Textual Acolhedora;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 2; N. 2; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2011; páginas 69 a 96.
7. **Tornieri, Sandra; Preceptorial Autoral Conscienciológica;** Artigo; *Scriptor*; Revista; Anual; Ano 8; N.8; *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON); Foz do Iguaçu, PR; 2017; páginas 4 a 12.
8. **Vieira, Waldo. Enciclopédia da Conscienciologia.** 7. ed. Foz do Iguaçu, PR: EDITARES E COMUNICONS, versão digital em DVD, 2012, Verbete: *Interlocução*.

ANEXO I

Modelo de Mapa da Obra

Nº de ordem	Nome/Tema	Autor(es)	Conteúdo Abordado	Status
1	O paradigma consciencial e a morte biológica	I.M.S.M.	Paradigma Paradigma científico Paradigma consciencial Holossomática Bioenergética Multidimensionalidade Multiexistencialidade (serialidade) Cosmoética Universalismo Autoexperimentação Verpon	Concluído
2	Saúde dos veículos de manifestação da consciência	C.N.	Cuidados com: soma, energossoma, psicossoma, mentalssoma Superação de doenças	Em revisão
3

Wanderley Carvalho é professor universitário aposentado. Doutor e mestre em Educação (PUC-SP); especialista em Biologia Celular e Histologia Geral Aplicadas às Ciências Biológicas e da Saúde pela Escola Paulista de Medicina (UNIFESP); licenciado em Ciências Biológicas. Estudioso da Conscienciologia desde 2004, voluntário do CID a partir de 2019 e coorganizador e coautor do livro *Dessoma: novas abordagens para o estudo da morte* (2019).

E-mail: quercus.wan@gmail.com
